

FOCO PHIA MÉNARD ^(FR)

temporada season 21/22

18/02 – 26/02/22



fevereiro february 18 — 26

espetáculos performances + cinema + masterclass + oficina workshop

18 sex fri

19:30 RIVOLI

Phia Ménard / Cie Non Nova Saison Sèche

19 sáb sat

10:00 RIVOLI

Masterclass com with **Phia Ménard**

19:30 RIVOLI

Phia Ménard / Cie Non Nova Saison Sèche

22 ter tue

19:30 RIVOLI

Filme **Les garçons sauvages** de by Bertrand Mandico

23 qua wed

09:45 CAMPO ALEGRE

escolas schools

Phia Ménard / Cie Non Nova
L'après-midi d'un foehn Versão 1

11:15 CAMPO ALEGRE

escolas schools

Phia Ménard / Cie Non Nova
L'après-midi d'un foehn Versão 1

14:30 CAMPO ALEGRE

escolas schools

Phia Ménard / Cie Non Nova
L'après-midi d'un foehn Versão 1

25 sex fri

19:30 RIVOLI

Phia Ménard / Cie Non Nova
Contes Immoraux - Partie 1: Maison Mère

26 sáb sat

17:00 RIVOLI +
TMP ONLINE 

História(s) da Dança: Phia Ménard
com with **Rogério Nuno Costa**

19:30 RIVOLI

Phia Ménard / Cie Non Nova
Contes Immoraux - Partie 1: Maison Mère

As linhas condutoras com que a artista alavanca cada novo projeto são definidas a priori com uma minúcia cirúrgica. As peças são apresentadas em série, comunicam entre si, agrupando-se em ciclos de sentido que refletem preocupações de Phia em relação às problemáticas do mundo atual, na sua relação com a história (a do universo, a do mundo, a da Europa, a da violência patriarcal, a do seu próprio corpo), e à subsequente necessidade de as confrontar pela exploração crítica de diversas materialidades e corporalidades. Transformação e confrontação serão assim os códigos de entrada no universo sensível de Phia Ménard, em exercícios que são tão exigentes para quem os fabrica (autorxs, intérpretes, dramaturgxs, produtorxs) como para quem os observa. Os mistérios clássicos da vida, da morte, do amor, de tudo (e do todo) que nos pertence enquanto seres humanos, são trabalhados a partir de uma recusa desse conforto consolador da beleza ou das mensagens certeiras e moralizantes, abraçando antes a visceralidade do caos, a transcendência da queda e a perdição.

“Um teatro onde torcemos e contorcemos costumes e convenções de forma a criarmos espaços inapropriados para o encontro entre corpos e matéria viva. No palco, a resistência é testada e desafiada; os corpos lutam, debatem-se, unem-se e apoiam-se mutuamente.” (Phia Ménard)

A arte de Phia Ménard é uma pedra no sapato; ou então na cadeira onde nos sentamos para ver o espetáculo. — Rogério Nuno Costa

The conductive lines with which the artist leverages each new project are defined a priori with a surgical minutia. The pieces are presented in series, communicate with each other, grouping themselves into cycles of meaning that reflect Phia's concerns regarding the problems of today's world, in its relationship with history (that of the universe, that of the world, that of Europe, of patriarchal violence, that of its own body), and the subsequent need to confront them by the critical exploration of various materialities and corporalities. Transformation and confrontation will thus be the codes of entry into the sensitive universe of Phia Ménard, in exercises that are as demanding for those who manufacture them (authors, interpreters, dramaturgists, producers) as for those who observe them. The classic mysteries of life, death, love, everything (and the whole) that belongs to us as human beings, are worked from a refusal of this comfort that comfort of beauty or the right and moralizing messages, first embracing the viscosity of chaos, the transcendence of the fall and the doom.

“A theatre where we twist and writhe customs and conventions to create inappropriate spaces for the encounter between bodies and living matter. On stage, resistance is tested and challenged; bodies fight, discuss, unite and support each other.” (Phia Ménard)

Phia Ménard's art is a stone in the shoe; or else in the chair where we sit to see the performance. — Rogério Nuno Costa

Saison Sèche

O palco é uma arquitetura. Caixa, espaço confinado, zona de aprisionamento. De uma brancura assética. Ali, sete mulheres estão em luta. Apercebemo-nos das fissuras nas paredes e, no teto, persentimos um mecanismo que reage a todo o gesto inapropriado. Uma estrutura viva que é um apelo incessante à ordem. Mas isso seria não ter em conta que os corpos são corpos e que, como tal, estremeçam, batem-se, convulsionam-se. Aos poucos, há um ritual que nasce. Bebendo da dança, das artes plásticas, do teatro, do cinema antropológico, criando assim um universo artístico multifacetado, Phia Ménard leva o público a uma experiência telúrica que o mergulha no seio das lutas contra as normas, no seio das reivindicações das entidades livres. Aqui desafia-se o poder patriarcal, recusa-se a atribuição de géneros, trazendo novos gestos e novos rituais poéticos para alimentar a imaginação.

Contes Immoraux - Partie 1: Maison Mère

Construir, destruir, destruir, construir... Como no Mito de Sísifo, a primeira parte dos Contes Immoraux [Contos Imorais], da performer e encenadora Phia Ménard, edifica uma "aldeia Marshall" em cartão e feita sob medida. Como as tendas que se montam para os refugiados. Uma "aldeia Marshall" porque o avô paterno da encenadora foi uma das vítimas dos bombardeamentos da cidade de Nantes em setembro de 1943. Para que os aliados pudessem avançar com as suas tropas em solo europeu, a sua estratégia de bombardeamentos destruiu cidades inteiras, enterrando os seus habitantes. Ao ver a família velar o seu avô numa vala comum, e não num túmulo, Phia Ménard apercebeu-se da infâmia das bombas e do lado absurdo do famoso Plano Marshall: organizar uma destruição, gerir a reconstrução a partir de um modelo de casa pré-fabricada e redesenhar o traçado urbano. Assim, Phia Ménard construiu sozinha, em palco, um Parthenon de papelão. Espalhar, traçar, cortar, montar, posar. Tudo parece perfeito, exceto aquela nuvem escura em cima do palco. Aproxima-se, talvez, um relâmpago, uma leve brisa, depois um aguaceiro e até uma chuva torrencial. E a casa desmorona-se, apesar de todas as tentativas para a salvar. É uma desordem na qual os corpos se afogam. E há que começar tudo outra vez. Fita adesiva e cartão abraçam o material de que Phia Ménard tanto gosta nesta edificante metáfora de uma Europa incansavelmente em reconstrução.

Saison Sèche

The stage is an architectural structure: a box, a confined space, a zone of imprisonment. It is painted in a sterile white. There, seven women struggle. Watching, we perceive tiny openings in the walls, and in the ceiling, a mechanism that reacts to any inappropriate gesture. A living structure that serves as a constant call to order... But that's not taking into account the fact that bodies are bodies, and thus they can't help but shiver, hop up and down or twist. Little by little, something happens, a ritual takes form. Borrowing from dance, visual arts, theatre, and anthropological cinema to create a protean artistic world, Phia Ménard leads the audience through a telluric experience that drops them at the heart of the struggles against norms and the fights to freely choose our identities. Here it is about defying patriarchal power and escaping the constraints of gender, by creating new gestures and new poetic rituals to feed our imagination.

Contes Immoraux - Partie 1: Maison Mère

Build, destroy, destroy, build... As in the Myth of Sisyphus, the first part of Contes Immoraux (Immoral Tales), the performer and director Phia Ménard, builds a "Marshall village" on cardboard and custom-made. Like the tents that were set up for the refugees. A "Marshall village" because the director's paternal grandfather was one of the victims of the bombings in the city of Nantes in September 1943. So that the Allies could advance their troops on European soil, their bombing strategy destroyed entire cities, burying their inhabitants. Seeing the family watch their grandfather in a mass grave, not in a grave, Phia Ménard realized the infamy of the bombs and the absurd side of the famous Marshall Plan: to organize a destruction, to manage the reconstruction from a prefabricated house model, and to redesign the urban layout. Thus, Phia Ménard built alone on stage a cardboard Parthenon. Spread, trace, cut, assemble, pose. Everything looks perfect except that dark cloud on the stage. Perhaps lightning, a slight breeze, then a downpour, and even torrential rain. And the house collapses, despite all attempts to save it. It's a disorder in which the bodies drown. And we must start all over again. Duct tape and cardboard embrace the material that Phia Ménard so much likes in this uplifting metaphor of a Europe tirelessly in reconstruction.



Programa de Abertura da Temporada Portugal-França 2022
Opening Programme for the Portugal-France 2022 Season



SAISON TEMPORADA
FRANCE PORTUGAL
PORTUGAL FRANÇA
2022



REPÚBLICA
PORTUGUESA



AMBASSADE
DE FRANCE
AU PORTUGAL

Liberté
Égalité
Fraternité



INSTITUT
FRANÇAIS



CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

GEPAC

GABINETE DE ESTRATÉGIA,
PLANEAMENTO E AVALIAÇÃO CULTURAIS

Comité de Mecenas da Temporada Portugal-França 2022
Sponsors Committee for the Portugal-France 2022 Season



BNP PARIBAS



Positive digital flow



TotalEnergies
FOUNDATION



AIRPORTS

LVMH



SAINT-GOBAIN



EURONEXT



FRANCE INVEST



Banque BCP



Fondation ENGIE

www.teatromunicipaldoporto.pt

Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

Porto.